

Matérias do Setor

Aprovado antidumping a polipropileno dos EUA

A petroquímica Braskem é a única fornecedora nacional de polipropileno

São Paulo - A Câmara de Comércio Exterior (Camex), ligada ao Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (Mdic), aprovou a aplicação de antidumping definitivo, por um prazo de até cinco anos, às importações de polipropileno (PP) dos Estados Unidos. A medida, solicitada pela Braskem, resultará em taxação de 10,61% ao produto norte-americano, o que beneficiará diretamente a petroquímica brasileira, única fornecedora local de PP.

Segundo o texto publicado no portal eletrônico da Camex, o direito antidumping pode ser aplicado às importações de "polipropileno, homopolímero e copolímero, originárias dos Estados Unidos da América, comumente classificadas nos itens 3902.10.20 e 3902.30.00 da Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM), respectivamente".

Dados publicados recentemente pela própria Braskem apontam que a América do Norte respondeu por quase um terço das importações brasileiras de resinas em 2010 - o número considera compras de PP, polipropileno (PE) e PVC. O produto importado, por sua vez, respondeu por 26% da demanda doméstica total no período.

Em resposta à decisão da Camex, a Associação Brasileira da Indústria do Plástico (Abiplast) mostrou preocupação com os prováveis efeitos da medida no mercado doméstico e citou o momento no qual a aprovação acontece. "A elevação do direito antidumping, que poderá encarecer os preços de diversos produtos derivados de polipropileno, ocorreu menos de um mês após o Cade aprovar a aquisição da Quattor pela Braskem", destaca a entidade em nota.

A Abiplast deverá entrar com recurso contra a decisão, que poderia alterar o patamar de preços do PP vendido no mercado interno. A preocupação dos transformadores plásticos é de que os produtores de outras regiões, ao constatarem a alta dos preços dos produtos norte-americanos (considerados referência no mercado), decidam acompanhar o movimento com vistas a garantir melhores margens. O polipropileno é utilizado para a confecção de autopeças, embalagens, bens de consumo, móveis etc, e por isso tem efeito direto na formação de preços de diversas cadeias da indústria brasileira.

Impasse - A investigação sobre dumping nesse mercado começou em janeiro de 2009, antes, portanto, do início das negociações acerca da aquisição da Quattor. Na oportunidade, a Braskem protocolou petição para a abertura da investigação sobre os preços praticados pelos fabricantes de resinas dos Estados Unidos e também da Índia. A análise do caso pela Camex teve início em julho de 2009 e, após um ano de análises, foi prorrogada por até seis meses, a contar de 23 de julho de 2010.

No começo de dezembro a Camex recomendou o encerramento da investigação e aprovou a aplicação de medida antidumping definitiva às importações dos Estados Unidos, na forma de alíquota específica de US\$ 82,77 por tonelada, o equivalente a 6,3% do preço de exportação médio ponderado dos Estados Unidos para o Brasil (de US\$ 1.316,25 por tonelada). A Camex também concluiu pela existência de dumping nas exportações da Índia, mas optou por não aprovar medidas antidumping ao produto vendido pela Reliance, única fabricante daquele país a exportar para o Brasil no período analisado (julho de 2008 a junho de 2009).

Em seguida à decisão da Camex, a Braskem pleiteou que fosse reconsiderada a forma de aplicação do direito antidumping, alegando que a existência de uma alíquota específica

perderia a eficácia de capturar a volatilidade desse mercado. Além disso, a petroquímica brasileira solicitou que fosse revista a metodologia para a apuração do valor normal do produto dos Estados Unidos.

O recurso administrativo interposto pela Braskem foi analisado pela Camex, que decidiu na semana passada dar provimento à decisão. Dessa forma, a sobretaxa será recolhida sob a forma de alíquota ad valorem, na condição de uma alíquota de 10,6% - 4,3 pontos percentuais acima do valor fixo previsto inicialmente pela Câmara.

A resolução da Camex (nº 16/2011) não inclui a aplicação de antidumping aos seguintes tipos de produtos: copolímero randômico de polipropileno de uso específico, copolímero de polipropileno destinado à cimentação petrolífera, copolímero de polipropileno e estireno contendo bloco triplo estrelado e homopolímeros e copolímeros de bloco produzidos pelo processo de reação por catalisadores metalocênicos. (AE)

Fonte: [Diário](#) do Comércio

Maringá discute redução no uso de sacolas plásticas

Projeto de lei pretende reduzir ao máximo o uso do produto; assunto será debatido hoje

O uso indiscriminado das sacolas plásticas pelos supermercados e outros estabelecimentos comerciais preocupa alguns segmentos da sociedade em Maringá, no Noroeste do Estado. O assunto será debatido hoje, a partir das 19h30, na Câmara de Vereadores, com a presença de representantes de entidades ambientalistas, dos comerciantes, fabricantes de sacolas e políticos.

A comunidade vai tomar conhecimento do teor de um projeto de lei de autoria do vereador Humberto José Henrique (PT) que quer abolir, ou reduzir ao máximo, o uso das sacolas plásticas no comércio local. O projeto já foi aprovado pelas comissões permanentes da Câmara de Maringá e deve ser votado nas próximas semanas. Antes, o vereador quer ouvir a opinião da população.

Um dos organizadores do evento é a Fundação Verde, uma ONG que tem sede em Maringá e já conseguiu implantar a lei que limita o uso das sacolas plásticas em dezenas de cidades do Brasil. Uma delas é Xanxerê, no interior de Santa Catarina, que adotou a ideia há cerca de dois anos. Alguns representantes vão falar sobre a experiência no estado vizinho.

O vereador diz que haverá um prazo até janeiro do próximo ano que para que a população e os estabelecimentos comerciais se adaptem à nova medida. A intenção é que as sacolas plásticas sejam substituídas por alternativas ambientalmente corretas, como a utilização de sacolas retornáveis e caixas de papelão.

O projeto vai proibir apenas que as sacolas sejam distribuídas de forma gratuita à população, mas não impedirá que os estabelecimentos comercializem o produto ao menos pelo preço de custo.

A ambientalista Ana Domingues, criadora da Funverde, sugere que o preço seja fixado em R\$ 0,30 a unidade. Para ela, essa seria a única forma de conscientizar a população sobre os danos que as sacolas plásticas causam ao meio ambiente. "A consciência do ser humano depende do bolso, se não mexer no bolso, a pessoa não muda de atitude", afirma.

De acordo com a entidade, somente em Maringá são utilizadas cerca de 30 milhões de sacolas plásticas por mês, o que representa 10% de todo lixo produzido pela população. Ana Domingues justifica que as sacolas provocam uma série de danos ambientais como a impermeabilização de solo de aterros e lixões, a obstrução de pontos de drenagem da chuva, a poluição das cidades, florestas e oceanos e causa a morte de animais.

O projeto de lei, se aprovado, impedirá inclusive a distribuição das sacolas oxibiodegradáveis, que demoram menos de dois anos para se decomporem no meio ambiente, enquanto as outras demoram pelo menos 100 anos.

Fonte: Folha de Londrina

Pesquisa mostra que sacolas plásticas são embalagens mais sustentáveis

Um estudo britânico sobre o impacto ambiental de diversos tipos de sacolas de supermercados mostrou que as sacolas plásticas trazem menor impacto ao meio-ambiente que outros tipos de sacolas. O estudo verificou o ciclo de vida de sacolas de algodão, ecobags, sacos de papel e sacolas plásticas tradicionais e o resultado apontou que a proporção de matéria prima usada nas sacolinhas em comparação com as tantas possibilidade de reutilização que elas oferecem as fazem ser mais sustentáveis que os outros tipos de sacola.

Segundo o estudo, as ecobags de outros materiais teriam que ser reutilizadas mais de 100 vezes para compensar a quantidade de material que levam em sua produção. As de papel,

cerca de três vezes mais, porém a fragilidade do material não o permite. Já a sacola plástica comum tem a resistência suficiente para ser reutilizada por mais de cinco vezes (número mínimo para justificar sua produção) e, depois disso, ainda serve para embalar o lixo residencial, promovendo a saúde pública.

Outro importante dado do estudo é que, devido ao fato da sacolinha plástica apresentar o menor peso dentre as opções analisadas, ela apresenta, em seu processo produtivo, a menor geração de CO₂ frente as outras opções. A sacolinha de plástico apresentou os menores impactos ambientais em oito das nove categorias de avaliação de performance trabalhadas neste estudo.

A Plastivida Instituto Sócio Ambiental dos Plásticos, entidade que trabalha pela conscientização da população sobre o uso correto, reutilização e descarte responsável dos produtos pós-consumo, alerta que ações ambientais devem ter consistência para que sejam realmente sustentáveis. "Por que se falar em banir determinado produto quando estudos científicos mostram que ele supera outros em diversos quesitos de avaliação ambiental?", questiona Miguel Bahiense, presidente da Plastivida. E completa: "Informação técnica ou científica é importante para trazer à população a informação correta, para que ela possa escolher qual a melhor embalagem na hora de carregar suas compras."

Fonte: Monitor Mercantil

Coca-Cola e Pepsi apostam na garrafa "verde"

São Paulo - Para depender menos de petróleo na fabricação de suas garrafas, PepsiCo e Coca-Cola investem nas embalagens "verdes". A diretora de Desenvolvimento de Embalagem da PepsiCo Brasil, Alexandrina Lopes, afirma que a partir de 2017 a empresa deve trazer ao mercado brasileiro garrafas plásticas feitas com resíduos orgânicos. A Coca-Cola já usa a PlantBottle, garrafa de PET parcialmente feita de material de origem vegetal.

Fonte: DCI

Braskem será responsável por central petroquímica no Rio de Janeiro

A estatal assumirá a parte de refino e a Braskem, a produção de resinas

RIO - A Petrobrás mudou o projeto original do Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro (Comperj) para adaptá-lo às necessidades de oferta e demanda de combustíveis no País. No novo projeto, o óleo pesado, que serviria de matéria-prima para a fabricação de produtos petroquímicos a partir de tecnologia inovadora, será substituído pelo gás natural, existente em abundância na área do pré-sal.

A estatal decidiu assumir toda a parte de refino e deixar 100% da central petroquímica com a Braskem. "Apenas as resinas que não interessarem à Braskem vamos oferecer para outros parceiros", disse o diretor de Abastecimento e Refino da estatal, Paulo Roberto Costa, ontem, em visita às obras do Comperj.

O presidente da Braskem, Carlos Fadigas, que fez ontem uma apresentação para analistas na Apimec-Rio, disse que a empresa ainda não definiu o volume de investimentos no Comperj. Apesar de alegar que a Braskem já havia decidido participar do projeto há mais de dois anos, ele reconheceu que agora houve um acerto mais fino na negociação com a Petrobrás, aumentando "o grau de certeza".

Segundo ele, no entanto, o valor e a data da entrada da companhia no empreendimento só deverá ter uma primeira estimativa "ao longo do ano". "O projeto do Comperj é para daqui a seis, sete anos." Ele comentou que a confirmação da troca do óleo bruto pelo gás como matéria-prima deu "mais assertividade" às conversas com a Petrobrás, mas sustentou que não foi o fator decisivo. "Nossa decisão de participar sempre existiu. Essa evolução da Petrobrás no pré-sal, com (aumento) de volumes de petróleo e gás, deu a confiança de ter a matéria-prima gás disponível para o Comperj", afirmou.

Derivados. O diretor de abastecimento da Petrobrás anunciou também que a produção de derivados na unidade, antes relegada a segundo plano, terá prioridade a partir de uma mistura de óleo leve e pesado. Ele explicou que houve necessidade de adaptação por conta do aumento nas vendas no mercado interno acima do projetado.

No ano passado, para um crescimento do PIB na casa dos 7%, as vendas no mercado doméstico de combustíveis superaram em 10% o consumo do ano anterior. Para 2011, a perspectiva é de que o consumo acompanhe ou seja superior à alta do PIB.

No projeto original, o Comperj era uma refinaria petroquímica, voltada à produção de eteno e propeno, com quantidade inexpressiva de produção de diesel e querosene de aviação. "O gigantismo da área em que o complexo está instalado, as mudanças do mercado consumidor e

as descobertas do pré-sal ofereceram um novo prisma. De lá para cá, o mundo mudou, o pré-sal se tornou realidade e precisamos adaptar a unidade a essa realidade", disse Costa.

Ele negou que a resistência de eventuais sócios às tecnologias inéditas de processamento de óleo para a produção de petroquímicos tenha tido influência na decisão de mudar o projeto. Antes da adaptação para o gás natural, a Petrobrás já vinha estudando a substituição da matéria-prima por uma mais tradicional - no caso, a nafta. Costa afirmou ainda que a utilização do gás natural como matriz energética deverá reduzir o custo do projeto "significativamente".

Porém, ele não quis informar o atual orçamento da obra. Inicialmente, o projeto previa custo de US\$ 8,5 bilhões. "Esse valor previa uma central petroquímica em duas fases. Não há como comparar os dois projetos. Mas, em relação ao processamento de óleo pesado para leve e em relação à nafta, haverá ganhos financeiros e ambientais", disse.

Fonte: O Estado de S.Paulo

Petrobras usará gás para produzir eteno

Matéria-prima básica para a fabricação de resinas plásticas será obtida diretamente dos campos do pré-sal, de acordo com informações da empresa

A Petrobras alterou o projeto do Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro (Comperj), em construção em Itaboraí, e já informou que vai utilizar o gás natural dos campos do pré-sal como insumo básico para a produção de eteno, de acordo com declarações feitas ontem pelo diretor de abastecimento da companhia, Paulo Roberto Costa.

Segundo ele, serão usados 15 milhões de metros cúbicos diários de gás para produção de eteno, matéria-prima para a fabricação de resinas plásticas.

Costa afirmou ainda que toda a parte petroquímica do complexo pertencerá à Braskem – que terá 100% de participação na central de matérias-primas petroquímicas (que transformam o gás em eteno) e nas unidades de segunda geração (que fazem as resinas plásticas).

"A Petrobras não terá participação 'por fora'. Participará da petroquímica apenas por meio da própria Braskem", disse Costa. A estatal tem 32% na Braskem, cujo controle é compartilhado com a Odebrecht.

Inicialmente, a matéria-prima petroquímica seria produzida a partir do óleo pesado da bacia de Campos. Com a descoberta do pré-sal, o projeto foi alterado pela primeira vez para usar nafta, o método mais usual. Mas diante das perspectivas da produção de uma grande quantidade de gás, houve nova mudança e ficou definido o uso do gás como matéria-prima.

O Comperj prevê ainda a construção de duas refinarias com capacidade de 165 mil barris por dia de derivados de petróleo cada, que ficarão prontas, respectivamente, em 2013 e 2018. Nessas unidades a Petrobras terá 100% de participação.

Fonte: Diário do Comércio

O carro do futuro será de plástico

Essa é apenas uma das tendências no setor automotivo, que fica ainda mais verde graças a baterias com maior autonomia e a reciclagem de combustíveis

CONCEITO

A última semana revelou novas perspectivas para que a indústria automotiva consiga se adaptar às exigências ambientais do consumidor moderno. Carros mais leves, com menor consumo de energia e maior rendimento e durabilidade, são tendência para os próximos anos, mas ainda não existe um modelo claro para a construção do primeiro carro popular ecológico. A tecnologia para que o objetivo seja alcançado encontra-se em plena fase de desenvolvimento e montadoras do mundo inteiro expõem suas melhores propostas em carros-conceito. Mesmo as marcas menores têm uma chance de crescimento graças à inovação: as melhores ideias podem partir de coisas tão simples e cotidianas quanto uma casca de banana.

O professor Alcides Leão, da Unesp, é um dos nomes que podem ajudar a reinventar a indústria automotiva. Ph.D. em ciência florestal pela Universidade de Wisconsin, nos Estados Unidos, Leão e seus alunos desenvolveram em laboratório uma fibra de nanocelulose quase tão resistente quanto o Kevlar (usado em coletes à prova de bala), e até 30% mais leve. "São como membranas orgânicas que juntam dois materiais de características diferentes em um só, mais econômico e resistente", explica Vitor Surian Gamba, mestrando em ciência florestal sob a tutela do professor Leão. O polímero combina fibras vegetais de plantas como a banana e o abacaxi a elementos plásticos derivados do petróleo, tornando-os até quatro vezes mais resistentes. O polímero foi apresentado no último dia 27, no 241º Encontro da Sociedade Química Americana, em Anaheim, no Estado da Califórnia.

O material tem tudo para substituir peças de alumínio e aço, tomando praticamente toda a estrutura dos veículos. Mas as inovações não ficam apenas do lado de fora: cientistas em lugares tão diferentes quanto Roma e o Estado americano de Illinois trabalham para desenvolver um novo modelo de bateria mais eficiente para os carros elétricos – que vivem um boom nos Estados Unidos, na Europa e em alguns países asiáticos. As novas baterias de Lítio-ion (Li-ion, mesmo material usado em aparelhos como celulares e laptops) prometem cargas mais rápidas e eficientes, garantindo maior autonomia para os veículos elétricos e reduzindo a dependência de combustíveis fósseis. Chamadas de “baterias de alta performance”, elas ainda vão ajudar a reduzir o consumo de energia dentro de casa, garantindo cargas mais rápidas em eletrônicos domésticos.

Com uma proposta mais imediata para redução de danos, cientistas da Universidade de Cambridge, no Reino Unido, apresentaram também na conferência da ACS um novo método para converter o óleo de motor usado em combustível limpo. A técnica de reciclagem usa aquecimento por micro-ondas, transformando o óleo (misturado com um material absorvente) em gases e líquidos reutilizáveis. O processo não é novo, mas passa a tornar-se muito mais eficiente, reduzindo a emissão de poluentes na atmosfera. Anualmente, são despejados no meio ambiente cerca de 30 bilhões de litros de óleo de motor usado. Parte dele é convertida em combustível para aquecimento de edifícios, ou re-refinado como lubrificante mais uma vez. “De qualquer forma, ambos os usos estão longe do ideal, devido à poluição causada pela queima do óleo”, diz o pesquisador-chefe do projeto, Howard Chase.

A nova tendência de mercado ainda engatinha, com diversos projetos nunca saindo da fase de conceito e desenvolvimento. Por enquanto, ainda chegam ao consumidor final apenas reinterpretações de tecnologias conhecidas, que buscam reduzir o consumo de combustível a partir de peças mais leves e motores mais eficientes – quase sempre sacrificando o desempenho do carro, que acaba enquadrado em nichos de mercado específicos de consumidores urbanos.

Novidades como o plástico reforçado com fibra de carbono (CFRP), já utilizado em carrocerias de automóveis de luxo, ainda devem levar algum tempo para chegar às linhas de montagem de todo o mundo – mesmo após evoluções como a apresentada pela montadora japonesa Teijin, que revelou no começo de março um novo modelo para a produção em massa do material. O carro-conceito da Teijin é praticamente um esqueleto de automóvel, com cabine pesando apenas 47 kg (cerca de um quinto do peso de uma cabine tradicional) e usando bateria com 100 quilômetros de autonomia.

Fonte: Istoé

Mercado aposta na retomada de investimentos em estireno

São Paulo - Uma década depois da entrada em operação da última unidade de estirenos no Brasil, da Innova no Polo Petroquímico de Triunfo (RS), o setor de estirênicos começa novamente a se movimentar com mais força, sinalizando [investimentos](#) em novas plantas industriais no País. As duas fabricantes desse insumo para a fabricação de poliestirenos, a própria Innova (cujo controle acionário passou para a Petrobras no Brasil) e a Unigel sinalizam aportes. Com isso, a expectativa é de que o déficit da balança comercial desta cadeia no Brasil, que em 2010 ficou em 220 mil toneladas, seja reduzido ou até mesmo eliminado.

Essa perspectiva começou a se tornar realidade com o anúncio da [Petrobras](#), na sexta-feira, de que adquiriu o controle da Innova por US\$ 332 milhões de sua subsidiária, a Petrobras Argentina, que detinha 100% do capital da petroquímica. Com isso, explicou a diretora da MaxiQuim, Solange Stumpf, a empresa acaba tendo mais agilidade para a aprovação de planos de investimentos no Brasil já que a unidade produtiva fica na Região Sul.

A Innova possui apenas essa unidade produtiva, que inicialmente estava sob o controle da multinacional argentina Perez Companc, adquirida posteriormente pela estatal brasileira em 2003, quando foi criada a Petrobras Argentina. A companhia possui capacidade de produzir 255 mil toneladas de monômero de estireno, 146 mil toneladas de poliestireno e 270 mil toneladas de Etilbenzeno ao ano. Esses produtos são matérias-primas da borracha sintética, de resinas acrílicas e da resina poliéster, utilizados na fabricação de descartáveis, tintas, isopor, [pneus](#), embalagens, papel, entre outros.

Dentre as possibilidades de aportes para a Innova no Brasil, a executiva aponta os investimentos da Petrobras no Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro (Comperj). Porém, lembra o vice-presidente da Unigel, Marc Slezzynger, “é possível [a implantação de uma nova unidade de estirenos no Brasil], mas precisa estar casado com suprimento das centrais petroquímicas da Braskem”. Segundo suas contas, esse investimento em uma nova planta

gira, basicamente, em cerca de US\$ 150 milhões a cada 100 mil toneladas de capacidade instalada em uma fábrica, mas esse [valor](#) depende do porte da instalação.

Concorrência

Com essa mudança no controle da Innova, as duas principais empresas no País passam a ser a Petrobras e a Unigel, que somam capacidade instalada de cerca de 530 mil toneladas, mas cuja utilização está na casa de 75% ante uma demanda de 620 mil toneladas no ano passado. Essa diferença explicou Stumpf, é suprida pela importação dos Estados Unidos.

"A Videolar, que compete com a Unigel e a Innova no mercado de poliestirenos importa toda a sua demanda e até mesmo a Unigel e a Innova importaram estirenos no ano passado por conta de paradas de unidades para seu consumo próprio e para fornecimento a seus clientes", disse ela.

Segundo ela, essa movimentação do setor estirênico começou justamente com a Unigel dando alguns passos rumo à integração dessa cadeia com a aquisição, em 2008 da fábrica da Dow Química na Bahia, que estava parada. O negócio levou a Unigel a se transformar no maior produtor de monômero de estireno, com uma produção de 280 mil toneladas.

Um ano depois, a Unigel anunciou a aquisição de mais uma unidade da cadeia de estirênicos. Desta vez, o alvo da petroquímica comandada pela família Slezynger foi a unidade de poliestirenos da Basf no Brasil. A transação elevou em 190 mil toneladas a capacidade de produção da Unigel. Antes desse negócio, a empresa possuía capacidade produtiva para 120 mil toneladas.

Sobre o anúncio da Petrobras, o executivo da Unigel afirmou que é uma transação que faz sentido porque sua concorrente produz e comercializa primariamente no Brasil. Além disso, ele concorda com a análise que dessa forma a empresa adquire maior agilidade quanto a aprovação de investimentos no Brasil.

Aliás, investimento em uma nova unidade de produção é um ponto que a Unigel já começou a estudar. Porém, o executivo não detalhou os planos da empresa. "Não temos estudos detalhados, mas planos de investir no negócio de estirênicos, que é core business para a Unigel", resumiu ele.

Como a demanda pelo produto não apresenta volatilidade acentuada, a decisão de investimento de qualquer uma das empresas deverá encontrar mercado que continua em crescimento. Para se ter uma base de comparação, em 2007 a produção nacional de estirenos foi de 428 mil toneladas, insuficiente para atender o consumo nacional naquele ano, período em que se importou outras 170 mil toneladas do insumo.

Fonte: DCI

Matérias Nacionais

Produção industrial do Paraná teve crescimento de 9,4 % em fevereiro

A produção industrial do Paraná cresceu 9,4 % em fevereiro na comparação com o mesmo mês do ano passado. Foi o terceiro melhor resultado nos 14 locais pesquisados, acima da média nacional, que ficou em 6,9%. Os dados foram divulgados nesta quarta-feira (6) pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

"Estamos num bom momento da economia. E o governo trabalha para fortalecer aqueles empreendimentos já instalados aqui e atrair novas empresas para gerar emprego e renda", diz o secretário da Indústria, Comércio e Assuntos do Mercosul, Ricardo Barros.

Entre os segmentos com resultados positivos em fevereiro destacam-se máquinas, aparelhos e materiais elétricos (53,4%), veículos automotores (47,8%), produtos de metal (15,1%), mobiliário (11,4%), minerais não metálicos (9,9%), madeira (7%), celulose, papel e produtos de papel (6%), alimentos (4,6%), máquinas e equipamentos (0,6%) e borracha e plástico, cuja produção permaneceu estável (0%). Os resultados negativos foram: outros produtos químicos (-3%), bebidas (-3,2%), refino de petróleo e álcool (-4,9%) e edição e impressão (-36,8%).

De acordo com Fernando de Lima, pesquisador do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (Ipardes), a fabricação de bens de capital e veículos automotores está com demanda aquecida e vem sustentando o ritmo de crescimento da produção no Estado".

Lima destaca ainda que o aumento da massa salarial e os elevados níveis de emprego, que favorecem o consumo das famílias e estimulam os investimentos na indústria, têm favorecido a expansão nestes segmentos da indústria paranaense.

ACUMULADO DO ANO – Em relação a janeiro, houve retração de 10,5% na produção industrial do Paraná. Mesmo assim, o acumulado do ano é positivo. Comparando com o mesmo período do ano passado, o avanço da produção do Paraná nos dois primeiros meses de 2011 foi de 13,8% – o maior entre as 14 regiões pesquisadas e muito acima da média nacional no bimestre, que foi de 4,6 %.

Fonte: Agência de notícias do Paraná

AGENDA

Embalagens Flexíveis: materiais, aplicação e conversão

A Fundação para o Desenvolvimento Tecnológico da Engenharia (FDTE) vai oferecer, entre os dias 9 e 16 de abril, o curso sobre embalagens flexíveis. O objetivo é oferecer uma visão geral da Indústria de Embalagens Flexíveis, fornecedores de matérias-primas e equipamentos de envase com foco nos aspectos técnicos, mercadológicos e financeiros a serem considerados no projeto de uma embalagem. Ao final do curso o aluno deverá ser capaz de entender todo o processo de Desenvolvimento de Novas Embalagens e impactos financeiros relacionados ao projeto. O curso é voltado a estudantes, profissionais, empresas usuárias, fornecedores de matérias-primas que atuam nas áreas de Desenvolvimento de Produtos, Qualidade, Processos, Compras, Vendas e Custos e que desejam adquirir conhecimentos técnicos do setor. Informações poderão ser obtidas pelo telefone (11) 3031-7000 Ramal 229 ou e-mail educare@fdte.org.br.

Brasilplast 2011

Começam os preparativos para a 13ª edição da Brasilplast, a principal feira do setor do Plástico na América do Sul, que acontece entre os dias 9 e 13 de maio, no Pavilhão de Exposições do Anhembi, em São Paulo. O evento contará com cerca de 1.300 expositores, de 30 países e espera um público em torno de 65 mil visitantes/compradores, de 60 países. O evento é realizado pela Reed Exhibitions Alcântara Machado. O Siresp apoia esta iniciativa. Mais informações no site www.brasilplast.com.br.



WBC COMUNICAÇÃO
Fone/Fax: 41 32470569 - Celulares: 41 91687816 - 41 91328135
E-mail: wbc@sulbbs.com.br